

AUTO-AJUDA DIDÁTICO-ADMINISTRATIVA PARA SE PENSAR O ENSINO DE ANTROPOLOGIA

Carmen Sílvia Moraes Rial
Universidade Federal de Santa Catarina

A Antropologia tem-se caracterizado por ser uma das disciplinas das ciências sociais em que a pesquisa tem grande importância e na qual os antropólogos que atuam nas universidades – como professores, portanto – são também pesquisadores. Porém, ainda que, em muitas das ditas *missões* das Universidades, a Pesquisa apareça no mesmo plano que o Ensino e a Extensão, o que ocorre, na prática, é que continuamos sendo avaliados internamente por mecanismos que privilegiam o Ensino. Somos constrangidos por calendários didáticos extensos e pouco incentivados na realização das pesquisas. Por isso, muitos dos pontos abaixo devem ser vistos como estratégias para aumentar o tempo de Pesquisa dos professores. Tentarei abordá-los de modo sintético, permitindo-me a brincadeira de, como num livro de auto-ajuda, dividi-los em problemas e propostas (estratégias para superar o problema), esperando que sirvam como ponto de pauta para as discussões desta jornada de Ensino (na qual, espero, se discutam também a Pesquisa e a Extensão, que vejo como atividades indissociáveis). Início a exposição destes pontos que gostaria fossem discutidos nesta jornada exatamente por esta questão estrutural que é a organização do nosso calendário anual.

1. Calendário:

Problema:

Muitas Universidades adotam calendários que prevêm de quinze a dezoito semanas de aula por semestre. Esta extensa carga horária praticamente toma todo o tempo do ano com Ensino, deixando para Pesquisa apenas os meses de férias, assim mesmo repartido com a preparação do próximo semestre. Como este calendário é decidido em instâncias superiores aos departamentos, temos pouco ou nenhum peso nesta decisão.

Proposta:

Incluir no programa das disciplinas um período dedicado ao trabalho de campo ou à pesquisa bibliográfica, de modo que os alunos possam contar com orientação nestes dias, mas não com a transmissão de conteúdos em sala de aula. Assim, por exemplo, um programa poderia prever, ao invés dos quinze seminários, onze seminários, três orientações de trabalho final e uma apresentação do trabalho final.

2. Carga horária – créditos

Problema:

Os professores das universidades federais devem ministrar 8hs/aula semanais (em universidades privadas, esta carga horária pode ser ainda maior). Porém, nas Federais, nada obriga que esta carga deva ser distribuída uniformemente durante o ano.

Propostas:

Concentrar a carga horária em um determinado período do ano de modo a liberar o professor durante uma parte do ano para atividades de pesquisa. Por exemplo, um/a professor/a poderia oferecer, ao invés de disciplinas de quatro créditos, duas disciplinas de dois créditos, liberando, assim, metade do semestre. Na graduação, em que há menor flexibilidade na definição dos créditos, poder-se-ia dividir as disciplinas com outro professor de modo que cada um ficasse com metade do semestre, liberando a outra metade.

3. Trabalhos Finais

Problema:

Na maioria das vezes, o trabalho final das disciplinas é realizado solitariamente pelo aluno e entregue ao professor, que o corrige também solitariamente e que o acaba arquivado em uma gaveta de papéis a serem reciclados com impressões de rascunho.

Proposta:

Os trabalhos finais das disciplinas deveriam ser apresentados em sala de aula. O ideal é que eles tenham uma primeira versão, a qual é apresentada em meio ao semestre em sala de aula e discutida pelos colegas, e que o aluno possa fazer uma segunda versão, mais adiante no semestre, com a inclusão das críticas recebidas, sendo esta a versão final a ser avaliada pelo professor com nota. Sempre que possível, os bons trabalhos deveriam ser divulgados para um público mais amplo do que o da turma, através de exposições de pôsteres, sites, pré-publicações, etc.

4. Audiovisual

Problema:

Numa época dominada pelas imagens, na qual os estudantes estão acostumados a utilizarem a Internet e têm um contato maior com a televisão, é utópico pensar que terão prazer em passar quatro horas ouvindo um professor rabiscar conceitos num quadro negro ou que aprenderão mais ficando restritos aos livros.

Proposta:

A utilização de jornais e de vídeos na sala de aula permite dinamizar e complementar os conteúdos. E, quando falo em vídeos, não me refiro unicamente a documentários, que primeiro nos vêm à mente quando se pensa em vídeos didáticos. Bons documentários funcionam, sim, na sala de aula – para disciplinas introdutórias de Antropologia em outros cursos que

não o de Ciências Sociais, por exemplo, sugiro os vídeos que a ABA tem produzido (sobre populações indígenas, quilombolas, Aids e saúde). As bibliotecas das Universidades deveriam ter setores dedicados ao acervo audiovisual, facilitando o acesso aos vídeos.

Bons filmes de ficção, realizados no interior do sistema comercial e facilmente encontrados em vídeo-locadoras, também podem servir para ilustrar pontos do programa; e não há necessidade de se passá-los na íntegra, uma vez que seu acesso é mais fácil e os estudantes poderão retirá-lo em outro momento para complementar a visualização.

O uso dos projetores multimídia deve ser incentivado, tanto para projetar os vídeos quanto para projetar conteúdos, a partir de computadores. Quando não for possível, as simples transparências com imagens já suprem, em parte, esta lacuna.

5. Rede de alunos

Problema:

Especialmente na graduação, a relação dos alunos ainda fica muito restrita ao diálogo com o professor ou com os integrantes do grupo no caso de trabalhos envolvendo a formação de grupos. A intensa sociabilidade que existe entre eles hoje, através também da rede, tem sido pouco aproveitada para criação de grupos de discussão ligados à disciplina.

Proposta:

Como a maioria dos estudantes possui e-mail e usa cotidianamente a rede, é interessante a criação de grupos nos servidores que dispõem deste serviço gratuitamente, de modo que as informações da disciplina (textos, programa, resenhas) possam ser passados pela rede. Isto proporciona maior agilidade na transmissão de informações ao mesmo tempo em que incentiva um maior diálogo horizontal entre os estudantes.

6. Estágio Docência

Problema:

Criado inicialmente pelas agências financeiras como um modo de devolução sob a forma de trabalho de ensino dos seus bolsistas, o estágio docente tem sido alvo de polêmica e chegou a ser acusado de ser uma tentativa de substituição barata de professores. Minha experiência com estagiários docentes, no entanto, tem sido das mais positivas.

Proposta:

Sugiro que:

a) o estágio docente dos mestrandos e dos doutorandos seja supervisionado pelo professor orientador;

b) seja preferencialmente realizado com doutorandos e que, também neste caso, haja a presença do professor supervisor durante as aulas. Minha experiência mostra que um modo seguro de vencer o medo do estagiário de dar aula é introduzi-lo lentamente na disciplina. O ideal é que o professor inicie o semestre com as aulas normais, como se não houvesse estagiário na disciplina, deixando para este apenas a responsabilidade por tarefas como a lista de chamada e a organização da pasta de xérox, e gradativamente vá passando-lhe outras tarefas, como a de coordenar a discussão de um texto, depois a de expor algum ponto, etc. Assim, ele terá tempo de observar (com outros olhos, bem mais interessados) como atua o professor na sala, sem se sentir pressionado, e, aos poucos, vai desejar uma maior participação. Minha experiência é de que a sala de aula se torna um local de troca intensa entre orientador e orientando que tem repercussões muito positivas na tese, com o estagiário docente ganhando em confiança e segurança intelectual.

c) Para se obterem melhores resultados, ainda, é importante que a temática da disciplina em que o estágio docente se realize seja próxima ao assunto de tese do orientando, de modo que ele possa discutir ali problemas de sua tese. Quando isto não é possível, que o programa seja adaptado de modo a permitir essa proximidade em pelo menos algumas aulas.

d) Tenho obtido melhores resultados de estágios docentes em disciplinas optativas.

e) As disciplinas de introdução à Antropologia oferecidas para outros cursos colocam um problema suplementar para o estágio, pois, ao incluírem conceitos fundamentais como *cultura*, *relativismo*, *etc.*, que, no entanto, não são explorados com a profundidade e com a extensão bibliográfica necessária, podem confundir o estagiário.

f) Também para os alunos a presença do estagiário docente é importante, pois estes tendem a criar diálogos mais próximos dada uma certa solidariedade etária.

7. Antropologia em outros cursos

Problema:

A Antropologia é hoje uma disciplina oferecida em diversos cursos, muitas vezes como disciplina obrigatória, de modo que somos confrontados com alunos que desconhecem por completo a matéria e que, às vezes, não têm grande interesse no seu conteúdo.

Proposta:

Felizmente, os campos de atuação dos antropólogos são bastante abrangentes, e muitos desses cursos correspondem a áreas de interesse dos professores (antropologia da saúde, antropologia do esporte, etc.).

Alguns departamentos de Antropologia têm tentado organizar suas intervenções didáticas em outros cursos além do de Ciências Sociais através de atividades conjuntas que reúnem diversas turmas num mesmo auditório para palestras ou para aulas que são dadas pelos professores em rodízio. Segundo relatos, esses “aulões” funcionam com sucesso há anos no IFCS/RJ. Em SC, criamos um projeto chamado *Nossa Antropologia*, que tinha como público-alvo os alunos dos cursos nos quais atuávamos (Serviço Social, Educação Física, Psicologia, Odontologia e Medicina), sendo que pelo menos parte das aulas eram palestras ou sessões de vídeos, com professores,

doutorandos, recém-mestres, etc., que apresentavam suas pesquisas em mesas coordenadas em rodízio pelos responsáveis pelas disciplinas – mas o projeto não teve o sucesso esperado, e atualmente nossa estratégia tem sido a de tentar eliminar as disciplinas obrigatórias nos currículos desses cursos para, ao invés dessas, ofertar optativas no curso de Ciências Sociais com vagas para alunos de outros cursos da universidade.

8. Alunos especiais

Problema:

É cada vez mais freqüente que os PPGs abram suas disciplinas para alunos de outros PPGs, mestres, doutores, e até graduandos (em casos excepcionais, como bolsistas PIBIC com pesquisa na área do curso) na condição de alunos especiais. As condições e restrições desta matrícula variam de curso a curso: alguns cursos permitem alunos especiais apenas em disciplinas optativas, só no limite de vagas, dependendo do aval do professor, etc. A procura é grande, abrangendo um público de candidatos à seleção do PPG.

Proposta:

Uma das formas para permitir a estes alunos o contato com os professores e com os temas dos cursos é sugerir que se matriculem nos cursos de graduação ao invés de o fazerem nos das pós-graduações, que exigem alunos com maior preparo em Antropologia. Com isso, obtém-se um duplo benefício: melhora-se nível das discussões dos cursos de graduação, e os alunos especiais ficam satisfeitos por terem participado do curso. Claro que os créditos obtidos na graduação não podem ser revalidados, como ocorre quando os alunos especiais fazem os cursos no PPGs. Mas, como há um limite de vagas e muitos são, portanto, impedidos de matricular-se ali, esta aparece como uma boa solução.

9. Atendimento

Problema:

Não há nada tão público quanto a sala de um professor universitário... Quase todo mundo acha que temos algo a dizer sobre algo; e, embora alguém já tenha dito que ninguém é tão estúpido quanto um especialista falando sobre algo fora de sua especialidade, de jornalistas a estudantes são muitos os que nos procuram e esperam um pronto atendimento. Como alguns não sabem bem o que é Antropologia, as demandas podem ser bem engraçadas (já tive perguntas sobre o calendário no início do milênio – acho que me confundiram com astrônoma – ou sobre a história do fogo, por exemplo). Com os *sites* dos cursos no ar e com a facilidade de contato pelo e-mail, estes pedidos de atendimento ou de orientação se multiplicaram, indo até a pedidos de redação de trabalhos e de envio de bibliografia sobre os mais diversos temas. Como acredito que, por ser funcionária pública, devo atender todos os que me procuram, isto me estava tomando um tempo enorme, pois tinha de negociar o melhor horário com cada um, às vezes no telefone privado.

Proposta:

Ao invés de responder caso a caso, o melhor é se ter uma página pessoal em um site (do núcleo, do departamento, da Unidade...) que disponibilize os programas das disciplinas, artigos e textos já publicados, preferencialmente em Adobe, para manter intacto o texto. Para as orientações e contatos pessoais, uma boa dica é fixar, na porta da sala, uma tabela com possíveis horários de atendimento para que os interessados preencham eles mesmos o dia e horário preferido entre os disponíveis. Ter textos padrões para resposta aos e-mails também facilita:

“Prezado Francisco,
 Poderemos conversar, sim, sobre seu tema de pesquisa. Para isso, peço que agendes um horário de atendimento, que é nas terças à tarde, passando na sala 107 do departamento de

Antropologia (quadro fixado na porta) ou pedindo à bolsista Camila que marque o horário, telefonando para 331.XX.14. Carmen”.

“Prezada Juliana,
Você será muito bem-vinda como aluna especial em alguma disciplina oferecida por mim. Você encontra a lista de disciplinas no site da Antropologia (www.antropologia.ufsc.br), assim como as instruções para a matrícula dos alunos especiais. Abracos,
C”.

Isso vai poupar muito tempo e alguma irritação.